



VIAGEM LONGA: Nehberg chega a Brasília com a jangada que o trouxe da Maurîtânia, em protesto contra destruição das culturas indígenas

Ativista cruza o Atlântico para protestar

Para protestar contra o tratamento dispensado aos índios brasileiros nos últimos 500 anos, o alemão Rüdiger Nehberg passou 43 dias sozinho, em uma jangada feita de bambu e tronco de árvores, cruzando o

Atlântico. O ativista saiu da Maurîtânia, na África, rumo a Fortaleza, onde aportou no dia 4. Ontem, chegou a Brasília, trazido por uma carreta.

No Palácio do Planalto, ele protocolou um documento manifestando sua indignação—desde a chegada dos portugueses ao Brasil até a falta de ação do governo atual.

Rüdiger Nehberg é membro da ONG alemã Gesellschaft Fürbedrohte Völker (Associação para a Defesa dos Povos Ameaçados). Logo que

desembarcou no Ceará, ele se desculpou pelo “ato de proporções descabidas de destruição dos seres humanos e suas culturas e da natureza”, ao se referir à colonização européia no Brasil. Ele acredita que o impacto de sua viagem tem muito mais valor do que entregar uma carta ao presidente Fernando Henrique Cardoso, “que provavelmente a jogaria no lixo”.

Aos 63 anos, o ativista já fez várias viagens parecidas com essa. Seu primeiro contato com

povos indígenas brasileiros foi em 1982, quando conheceu os ianomâmis, ainda como turista. Em 1987, ele veio do Senegal até São Luís em uma espécie de pedalinho. A intenção era entregar ao governo brasileiro um documento em defesa dos direitos dos povos indígenas.

Segundo o índio guarani Maurício da Silva Gonçalves, os apelos dos ativistas internacionais rendem bons resultados aos povos indígenas. “Eles têm ajudado muito a sensibilizar o governo”, disse.